

Os contornos da pugna

Este trabalho foi baseado no livro *Arquitetura Nova*, escrito pelo arquiteto Pedro Fiori Arantes. No capítulo a ser debatido, o autor abordara o dilema entre as duas labutas, a do arquiteto e a do mestre de obras, com isso envolvendo a situação da arquitetura que se contestava em meados dos anos 60 no Brasil.

A população brasileira se encontrava neste período, em processo de êxodo rural, ocasionando o desornamento das cidades, logo, a falta das moradias. Por esta razão, tanto o arquiteto Vila Nova Artigas quanto o grupo dos arquitetos: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre viam a possibilidade de se construir moradias de qualidade e com um menor custo. Todos foram membros do Partido Comunista do Brasil (PCB), e por isso sofreram com as perseguições e foram exiliados, sucedendo a difusão dos projetos de ambos os lados.

Através disso ao decorrer do texto, é descrito mais precisamente na segunda parte é citado a difusão e com isso a discussão do Arquiteto Vilanova Artigas com o grupo dos arquitetos, sobre como devia ser a arquitetura no estado de São Paulo para as classes oprimidas, pois a profissão do arquiteto estava direcionada a elite. Com isso, cada grupo abordara um caminho. O grupo dos arquitetos é levantado na primeira parte do texto, com o uso das abóbodas como solução para as habitações. Por isso, utilizou-se a “poética das abóbodas”[1], que se define com o uso de materiais alternativos, com técnicas construtivas que salientava a manifestação entre o mestre de obras com o arquiteto, através dos materiais utilizados serem deixados aparentes, como encanações hidráulicas, elétricas e os tijolos. Assim deixando mais visível todo o esforço realizado, dessa maneira, fazendo como modo de união das duas profissões.

A outra vertente, o arquiteto Vilanova Artigas, defendia que só seria possível atender a classe oprimida após tanger primeiramente a classe dominadora, por isso, acredita-se que sua Ligação aos militares foi com o intuito de concretizar o seu desenho da casa paulistana. Considerado Arquiteto modernista, suas obras possuíam uma plástica diferente do outro grupo, a qual a mesma arquitetura mais tarde se chamou de Brutalismo. Contudo, apesar das diferenças das arquiteturas, ambas tinham a mesma função, desenvolver uma arquitetura que esteja ao alcance de todos.

Por meio dessas duas perspectiva, o argumento neste presente resumo apresentado, descrevera os caminhos que cada lado seguiu, e com isso, as

soluções desenvolvidas para as habitações populares, mostrando a forma e matérias utilizados nas construções. Por conseguinte, a visão que esses arquitetos da década de 60 possuíam em relação à habitação de qualidade e com uso de tecnologias locais, comparando com os tempos atuais, pois o problema da falta de moradia é um tema que persiste até o século 21.

Palavras-chave: Poética das abóbodas. Casa Paulistana. Brutalismo. Habitações populares.

Íris Tiemy Groff Takashima, estudante de Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal Da Integração Latino-Americana – UNILA, Brasil. Residente na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná. Contatos: Telefone: 43 996308696/
Email:iristakashima@gmail.com.

[1] Título que retoma a proposta defendida pelos arquitetos Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre através do autor Pedro Fiori Arantes.